



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

História e trajetória do *Jornal da Band*: Um estudo do papel do apresentador na construção do perfil do noticiário

SOUZA, Florentina das Neves (Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação)¹

TOLENTINO, Vanessa (Graduanda em Comunicação Social- Jornalismo)²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR

Resumo: Este artigo está vinculado a um subprojeto de pesquisa em telejornalismo da instituição e tem o intuito de recuperar a história do *Jornal da Band*, que é exibido pela *Rede Bandeirantes* desde 1967 e é tido como o telejornal mais antigo do país que ainda se mantém em exibição, e retratar as transformações no perfil do noticiário a partir da troca de apresentadores. Para o estudo, foram selecionados quatro apresentadores mais representativos e relevantes no cenário nacional e na trajetória do programa jornalístico desde o seu surgimento até a atualidade. Além do suporte bibliográfico, foram utilizados na investigação, periódicos, entrevistas e estudo exploratório nas diversas fases do telejornal. Com a pesquisa, pretende-se entender e evidenciar o papel fundamental do apresentador na construção do perfil do *Jornal da Band*, um dos destaques da história do telejornalismo brasileiro e ainda pouco estudado pelos pesquisadores.

Palavras-chave: História do telejornalismo; *Jornal da Band*; comunicação; apresentadores.

1. INTRODUÇÃO

O *Jornal da Band* é o telejornal mais antigo que ainda é exibido no país. Está no ar desde a fundação da *TV Bandeirantes*, de São Paulo em 1967, sendo até hoje o principal telejornal da emissora.

Neste artigo, pesquisamos importantes momentos na trajetória do telejornal que podem ser entendidos como parte da história do telejornalismo no Brasil. O perfil dos apresentadores e o direcionamento da linha editorial de cada um é o foco deste trabalho. Buscando uma recuperação histórica dos momentos importantes vividos pelo telejornal

¹ Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Email floranevessouza@gmail.com

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela UEL. Integrante do grupo de pesquisa em Telejornalismo e Linguagens, coordenado pela Prof^a Dr^a Florentina das Neves Souza. Email vanessatolentino@outlook.com



por meio da mudança de apresentadores, mais especificamente de quatro deles, têm-se as transformações no estilo do telejornal.

Os apresentadores são fundamentais na estrutura dos telejornais e exercem um papel no qual de acordo com Bara (2013) “são vistos como a cara e a voz do telejornal que apresentam – ou representam”. Para Fechine (2008), a força do apresentador diante do público influencia na credibilidade do telejornal, que está atrelada à confiança que os espectadores depositam nos apresentadores.

Para a pesquisa utilizou-se periódicos, bibliografia, entrevistas e estudo exploratório do telejornal nas diversas fases. O recorte do trabalho é o perfil de quatro apresentadores: Joelmir Beting, Marília Gabriela e Paulo Henrique Amorim, além de Ricardo Boechat, que é o atual âncora do *Jornal da Band*. O critério de escolha foi a representatividade e relevância de cada um deles no cenário nacional, visto que todos, antes de assumirem a apresentação do telejornal, estiveram na *Rede Globo*, a maior emissora do país.

Pretende-se com o estudo evidenciar a mudança do perfil do telejornal em função da troca de apresentadores. Cada um com sua particularidade acrescentou o próprio estilo ao noticiário, com isso, podemos afirmar que todos contribuíram para as mudanças ocorridas no perfil do telejornal e no modo como era e ainda é construído. Para a pesquisa, utilizamos as referências com o intuito de descobrir o que se comenta sobre os apresentadores escolhidos. O artigo divide-se pelos apresentadores estudados, os quais são organizados por uma linha histórica. Desse modo, partimos do antigo ao atual.

2. HISTÓRIA

A *Rede Bandeirantes* foi fundada no ano de 1967 em São Paulo por meio de concessão do então presidente Artur Costa e Silva. O fundador da Rede, João Jorge Saad³, assumiu a *Rádio Bandeirantes* em 1948, a qual pertencia ao sogro, Adhemar de

³ João Saad era comerciante em São Paulo quando adquiriu concessões de rádio e televisão.



Barros, na época, governador de São Paulo e um dos políticos mais influentes do país. Com a emissora de rádio, João Saad deu início ao que hoje é o *Grupo Bandeirantes*, englobando diversos veículos de comunicação, dentre eles, a *Tv Bandeirantes*.

No mesmo ano da criação da emissora, entrou no ar o *Jornal da Band*. Com transmissão apenas em São Paulo, pelo menos até a metade da década de 80, o telejornal levou o nome de *Jornal Bandeirantes* até o ano de 1997, quando passou por uma reformulação, apostando na credibilidade do apresentador e alterando o nome para o atual *Jornal da Band*.

Desde o início, o noticiário e a rede passaram por diversas mudanças. Mas foi no ano 1981 que a *Bandeirantes* passou a seguir uma linha fundamentalmente focada na produção jornalística, isso porque Walter Clark⁴ assumiu a diretoria geral da *Rede* e determinou que o jornalismo passasse a ser o foco da emissora, que teria seis horas diárias de Jornalismo (BEUTTENMULLER, 1981). Segundo José Neumann Pinto (1981), a nova fórmula da *Bandeirantes* apoiava-se em uma linguagem mais informal, em uma edição mais relaxada e “na costura entre as matérias”, que mantinham ligação umas às outras, fazendo parte de um única corrente, além dos comentários ao final das notícias. O *Jornal da Bandeirantes* era o principal noticiário da emissora e foi o principal alvo das transformações propostas por Clark.

Investindo nessas mudanças, na modernização e em um telejornal “que não seja substantivo em excesso”, Walter Clark trouxe também uma figura até então inusitada para o telejornalismo brasileiro, o chamado âncora, nome derivado do termo norte-americano “anchorman”. Segundo Squirra (1993), nos Estados Unidos o âncora não é somente apresentador do noticiário, mas principalmente editor-chefe. O âncora é o “que orienta os temas a serem cobertos; [...] que elimina assuntos; que inclui novas abordagens e que redireciona o texto na hora da introdução dos assuntos no estúdio”.

⁴ Em 1956 iniciou a carreira como assessor comercial na *TV Rio*, de onde saiu em 1965 para assumir a direção da *Rede Globo* até 1977. Voltou à televisão em 1981, quando se tornou o diretor geral da *Rede Bandeirantes* e permaneceu até o ano seguinte. Morreu em 1997 no Rio de Janeiro, aos 60 anos.



2.1. Joelmir Beting

O *Jornal Bandeirantes* e Clark foram os responsáveis por aplicarem o trabalho de âncora pela primeira vez no Brasil, mais especificamente em São Paulo, quando Joelmir Beting⁵ conhecido por se dedicar ao jornalismo econômico e pelo seu trabalho na *Folha de São Paulo* e na *Tv Gazeta*, assumiu a bancada do telejornal. Boris Casoy é quem afirma: “A posição de âncora não é uma novidade no Brasil [...] durante o regime militar, na *Bandeirantes*, o Joelmir Beting fez esse tipo de trabalho” (CASOY, 1994: 41).

Segundo Joelmir Beting, a figura do âncora deriva de uma cultura americana que necessita de uma “grande estrela” e na qual o triunfo individual carrega extrema importância, diferentemente do que acontece no jornalismo brasileiro. Para o jornalista, no nosso país a valorização ao trabalho em equipe se sobrepõe ao indivíduo e a “luz própria” não seria respeitada pela empresa. Quando é o jornalista que fala e não a empresa, ele pode ficar fora do controle político e não comprometer o trabalho em equipe, mas no Brasil, “essa luz própria” não se ganha, ao contrário, deve ser arduamente conquistada. Ainda para Beting, “o âncora é então um americanismo num caldo de cultura de rejeição, não vai longe e não funciona”. (BETING In VIEIRA, 1991).

O diretor de Jornalismo da *Bandeirantes* tinha o objetivo de adotar a fórmula integral de Walter Cronkite⁶, reunindo em uma mesa todos os editores, fazendo com que cada um apresentasse seu noticiário enquanto o âncora ia costurando o telejornal como um todo. (NEUMMANNE, 1981)

⁵ Joelmir Beting foi um importante jornalista econômico no país. Começou no rádio, passou pela *Folha de São Paulo* como editor de economia, apresentou um telejornal com o mesmo assunto na *Tv Gazeta* e chegou à *Bandeirantes* em 1975, onde permaneceu até 1985. Retornou em 2004 com uma participação expressiva em programas jornalísticos da emissora. Morreu em março de 2012.

⁶ Walter Cronkite foi o “mais importante âncora da CBS (rede norte-americana de televisão e rádio) e da história do telejornalismo norte-americano, foi o primeiro jornalista que – além de ter a incumbência de apresentar de forma crível e segura [...] também recebeu o título de editor chefe” (Squirra, 1993 p.67)



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

No período (1975-1985) em que Beting ancorou o *Jornal Bandeirantes* ao lado de Ferreira Martins, havia a necessidade de se trabalhar com o imprevisto. De acordo com suas próprias recordações, o telejornal era editado “na marra”:

Era uma ancoragem cirúrgica, porque às vezes eu tinha dois minutos de vazio no jornal e precisava preenchê-lo no papo [...] A exigência de criatividade era um absurdo, eu perdia adrenalina toda noite (por mais que o resultado pudesse ser bom). Não era experiência pela opção de um modelo e sim por uma deficiência operacional da empresa. Aquilo era um “tampão” ao vivo, com a nossa cara sob o risco de fazer ou dizer besteiras, como andou acontecendo. (Beting, In: VIEIRA, 1991: 122-3).

Ao assumir o telejornal em 1975, Beting levou do jornalismo impresso a linguagem fácil e clara e empregou o seu senso de humor ao fazer jornalístico. Foi reconhecido como o jornalista que possuía a capacidade de traduzir a linguagem econômica para o entendimento de todos. Para Beuttenmuller (1981), Beting tinha um estilo no qual utilizava de frases curtas e irônicas e aproveitava da informação do dia-a-dia para fazer seus comentários econômicos em uma linguagem simples, criando um novo tipo de jornalismo. Para o apresentador e comentarista, era preciso “criar um hábito do debate, do comentário político e econômico, com uma linguagem fácil, que todos entendam”. (BEUTTENMULLER, 1981)

No começo da década de 80, o telejornal era dividido em quatro blocos e tinha duração de 30 minutos, indo ao ar às 19h30. (NEUMMANNE, 1981). Beting ancorou o telejornal que contava o apresentador Ferreira Martins, que esteve na *Tv Tupi* e na *Rede Globo* antes de apresentar o *Jornal da Band*. A bancada era separada e ao fundo o cenário fazia alusão a um mapa e continha o logotipo da *Rede Bandeirantes*.



Imagem 1 - Joelmir Beting e Ferreira Martins na apresentação do *Jornal da Bandeirantes*

Com a presença de Joelmir Beting o jornal contava com assuntos de relevância para a população, mas que não eram de fácil entendimento. O apresentador, ao utilizar uma linguagem mais simples que tentava traduzir assuntos de difícil compreensão, como política e economia, se aproximou da audiência fazendo com que tais assuntos fossem entendidos por grande parte dos telespectadores.

2.2. Marília Gabriela

Em 1985 a *Rede Bandeirantes* contratou Marília Gabriela, que antes estava na *Rede Globo*, onde começou como estagiária e desenvolveu diversos trabalhos, como repórter do *Jornal Nacional* e correspondente na Europa para o *Fantástico*, já no *Jornal da Band* continuou com a função de âncora. Segundo Marília, ela não se limitava a apresentar o telejornal, mas sim participava de quase todo o processo de construção da notícia, colhendo informações, checando-as, editando e entrevistando (MARÍLIA In VIEIRA, 1991: 78).

Com Marília Gabriela, o telejornal ganhou mais opinião, contudo, segundo Rezende (2000), a apresentadora não escondia o “constrangimento de ordem ética” que a emissão de opinião lhe causava. Para ela era muito delicado emitir opinião: “você não pode perder de vista o pluralismo que um jornal diário de televisão deve ter”. Marília afirmava que, em muitos casos, emitir opinião era inevitável, mas ainda assim considerava não opinar quando o assunto era muito controverso (MARÍLIA In VIEIRA, 1991, p.78).



Imagem 2 – Marília Gabriela à frente do *Jornal Bandeirantes* em 1989



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

Além da emissão clara de opinião, de acordo com Arruda (1988), com Marília Gabriela o *Jornal Bandeirantes* ganhou uma roupagem mais informal, que se distanciou do padrão impessoal e americano de telejornalismo e foi durante a ancoragem exercida por Marília Gabriela que a *Rede Bandeirantes* apostou e consolidou o jornalismo com 10 horas diárias de jornalismo. Na época, Fernando Mitre⁷ assumiu a superintendência⁸ de jornalismo e tinha o intuito de radicalizar o jornalismo ao vivo, “com as notícias sendo passadas imediatamente para o telespectador, em qualquer momento da programação” e dar um tratamento visual mais apurado com relação às imagens mostradas no telejornal. (SANTOS, 1989).

Para Mitre “o âncora era fundamental no telejornalismo, porque ele dá mais personalidade à notícia”. Com isso, a apresentadora passou a ter uma ancoragem mais abrangente, se integrando mais ao processo jornalístico e tornando sua participação no telejornal cada vez mais pessoal. Enquanto apresentava o *Jornal Bandeirantes*, Marília Gabriela também comandava um programa de entrevistas na emissora, o “Cara a cara”. Conhecida por suas entrevistas, Marília levou essa habilidade para o *Jornal Bandeirantes*, que ganhou um espaço dedicado a entrevistas, feitas por ela.

Em março de 1992, de acordo com Stycer (1992), Marília Gabriela assume o cargo de editora-chefe do telejornal, nessa mudança a jornalista queria transformar totalmente a cara e a forma do *Jornal Bandeirantes*. Em fala publicada ela diz que desejava “o jornal como uma alternativa a tudo que há por aí, que tenha inteligência, humor e profundidade”. A jornalista criticava os jornais da época dizendo que esses eram superficiais, demasiadamente ilustrados e pouco reflexivos. Indo na contra mão disso, gostaria de “fazer as pessoas refletirem mais sobre determinadas questões”. (STYCER, 1992).

⁷ Antes ser convidado a atuar no telejornalismo, Fernando Mitre auxiliou na criação do *Jornal da Tarde* em São Paulo. Atualmente é diretor nacional de Jornalismo da *Bandeirantes*, comentarista político do *Jornal da Band* e entrevistador do Canal Livre, da *Tv Bandeirantes*, além de apresentador da coluna A Notícia, da *BandNews*.

⁸ O departamento de Jornalismo se transformou em superintendência de Jornalismo, isto significava que o jornalismo da *Rede Bandeirantes* não era mais dependente da estrutura da emissora para funcionar.



A jornalista como editora-chefe, pretendia diminuir o número de matérias e selecionar mais assuntos para aprofundá-los, dedicando 10 minutos do telejornal para discutir um único assunto, discussão essa que contaria com a presença de especialistas e autoridades.

Enquanto Marília Gabriela permaneceu no *Jornal Bandeirantes* este passou por diversas mudanças que foram construindo um perfil único ao jornal. A apresentadora consolidou a função de âncora no diário emitindo mais opinião e conquistando espaço no telejornal e na emissora. Além disso, a figura conhecida pelas entrevistas mudou a cara do telejornal ao incluir a participação de mais comentaristas na bancada, que segundo a própria Marília, algumas vezes se utilizavam de uma linguagem sofisticada aos olhos do público, mas ela, ao objetivar as perguntas, tornou as notícias mais atrativas para todos. (MARÍLIA In VIEIRA, 1991, p.79).

2.3. Paulo Henrique Amorim

No final da década de 90, Rubens Furtado⁹ confiava que o público valorizava a credibilidade dos apresentadores de telejornais e apostava no jornalismo. Segundo Furtado, a emissora “[...] sempre fez, mais ou menos, quatro horas de jornalismo por dia e nunca fugiu muito disto [...]. Nós acreditamos no jornalismo”. Seguindo essa convicção e com o foco na audiência, a *Rede Bandeirantes* contratou Paulo Henrique Amorim, que antes disso trabalhava como correspondente da *Rede Globo* nos Estados Unidos. Em dezembro de 1996, Amorim assumiu o *Jornal da Band* e acumulou as funções de editor, repórter e apresentador do diário. Segundo Amorim, o telejornal deveria ser “um jornal do Brasil inteiro, com sotaque do Brasil inteiro. [...] Queremos contribuir para a pluralidade de opiniões, para a diversidade. O jornal vai ser do contra e do pró e eu pretendo ser um mediador que não dá palpite” (Imprensa, jan. 1997, p. 15).

⁹ Tornou-se superintendente da *Bandeirantes* em 1989.



Imagem 3 – Paulo Herinque Amorim Apresenta o *Jornal Band* em 1998



Imagem 4 – Paulo Henrique Amorim no *Jornal da Band*

Paulo Henrique Amorim apresentava o *Jornal da Band* sozinho e contava com o recurso de um telão, no qual fazia contato com correspondentes e repórteres do programa jornalístico.

De acordo com Souza (1997), o jornalista tinha um salário no qual 10% eram acrescidos a cada ponto de audiência adquirido pelo *Jornal Bandeirantes*. Amorim chegou a *Bandeirantes* e expôs que um dos seus objetivos era enfrentar o líder de audiência, o *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, abrindo brecha para a discussão de que o jornalista tinha o ibope como o seu foco.



Segundo Tão Gomes Pinto (1999), Paulo Henrique Amorim produziu um noticiário com “alta densidade” em discussões econômicas e políticas, para ele, um dos erros cometidos por Amorim, já que boa parte da população não se preocupa com tais assuntos. Outro erro foi o de Amorim querer enfrentar o *Jornal Nacional* na sua “própria faixa de horário”.

Paulo Henrique Amorim dizia que o *Jornal da Band* mostrava a realidade, ao contrário do *Jornal Nacional*, que possuía entretenimento demais. Segundo ele “Se você sair na rua, você vê o que está no *Jornal da Band* e não no *Jornal Nacional*, que se transformou numa mistura de Epcot Center com circo Orlando Orfei” (Amorim In KLINKE, 1998)

Durante pouco mais de dois anos que Paulo Henrique Amorim permaneceu na *Band* gerou polêmicas. A personalidade irreverente do jornalista e a luta pela audiência fizeram o *Jornal da Band* ser comentado por outros veículos da imprensa. Em reportagem publicada na Revista *Isto é* o título era “Ele irrita a Globo”, isto porque Amorim conquistou a audiência em um episódio das eleições de 1998, no qual, segundo Angela Klinke (1998) “numa cobertura abrangente do segundo turno das eleições ele incrementou o debate. Colocou no ar políticos de vários partidos, divulgou resultados das urnas que chegavam pela internet, confrontou ideias [...]”.

Paulo Henrique Amorim permaneceu na *Bandeirantes* por três anos e saiu em 1999 depois de não concordar com o possível corte de gastos da emissora. Para Gomes (1999), a saída do jornalista do *Jornal da Band* encerrava “assim mais uma vez (talvez a última) experiência de uma grande rede de combater a hegemonia da Globo no setor de telejornalismo em horário nobre”.

O jornalista entrou na *Bandeirantes* em uma fase de transformação do *Jornal Bandeirantes*, que nessa época passou a se chamar *Jornal da Band*, como é conhecido atualmente. Amorim focou sua ancoragem em assuntos de política e economia, elitizando o noticiário. Ao mesmo tempo, lutou pela audiência com uma linguagem do espectador, que segundo Amorim aprendeu enquanto vivia nos Estados Unidos como

correspondente, ouvindo o conselho de Hedyll Valle Jr, que dizia “Fale com o povão”. (SOUZA, 1997).

2.4. Ricardo Boechat

Ricardo Boechat foi para *Rede Bandeirantes* para assumir o cargo de diretor de Jornalismo no Rio de Janeiro, mas no ano de 2006 mudou-se para São Paulo quando foi convidado a ancorar o *Jornal da Band* a fim de substituir Carlos Nascimento. Segundo Castro (2006) “a *Band* teve que improvisar com Ricardo Boechat”, no entanto, Boechat permanece à frente do noticiário até a atualidade.

Boechat também desempenha a função de âncora na rádio *BandNews FM*, mas, para o jornalista, o papel dele no rádio é “bem diferente da televisão, lá eu falo, critico [...], compro brigas e de fato ancoro”. Na televisão, o fator tempo é “muito limitante” para interagir e interferir. Segundo Boechat (2011), os jornalistas televisivos são muito mais apresentadores que âncoras, para ele, o formato dinâmico da ancoragem “não está na natureza do telejornalismo do Brasil”.

Apesar disso, Boechat exerce a função de âncora do telejornal, emite opinião e comenta diversas notícias no programa. Conhecido pelo seu jeito irreverente e bem-humorado, procura imprimir essas características à apresentação. Em um episódio no qual demonstrou tal irreverência, Boechat fez piada e abriu um guarda-chuva no final do telejornal ao noticiar sobre um satélite que voltaria à terra sem local exato para cair.



Imagem 5 – Boechat faz piada ao ler notícia. Na bancada, Ticiano Villas Boas e Joelmir Beting



O apresentador diz considerar os telejornais brasileiros “caretas” e acredita ser necessário que os apresentadores sejam menos “durões e engessados”. Neste caminho, Boechat tenta no *Jornal da Band* transmitir um estilo mais dinâmico e natural na apresentação e diz esperar que no futuro os telejornais brasileiros se desfaçam da apresentação rígida e artificial. (BOECHAT, 2011).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Jornal da Band* como o telejornal mais antigo ainda em exibição e um dos mais reconhecidos do país, passou por muitas mudanças ao longo de sua trajetória. Muitas dessas transformações foram motivadas pelos apresentadores da época, visto que podemos entender o apresentador como a imagem de alguém que representa o telejornal, desse modo, suas características são projetadas no noticiário. Isso é evidente quando o jornalista ocupa a posição de âncora, apresentador que não apenas lê as notícias diante de uma câmera, mas participa de boa parte do processo de produção jornalística e é considerada a pessoa mais informada em relação ao telejornal.

Por meio da pesquisa nas referências foi possível perceber as impressões deixadas pelos apresentadores em cada época do telejornal estudado. Em comum, todos saíram da *Rede Globo*, adentraram na *Rede Bandeirantes*, assumiram o papel de âncora do *Jornal da Band* e emprestaram suas características ao estilo e perfil do telejornal em questão que transformou-se a partir da especialidade de cada um.

Isso nos leva a acreditar que o apresentador tem papel fundamental na construção do perfil de um telejornal. Sua imagem, suas características e particularidades estarão sempre vinculadas ao noticiário, que algumas vezes acaba por se adaptar ao estilo do jornalista, construindo uma nova “cara” a cada mudança de apresentador.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Carlos. Bandeirantes saem pra rua. **O estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 jan. 1988. Caderno 2, p.3.

BARA, Gilze. **Apresentadores de telejornais e os vínculos tecidos com o público**: os olhares da recepção antes e após a troca de apresentadora no Jornal Nacional. Trabalho apresentado no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Juiz de Fora, 2013.

BEUTTENMULLER, Alberto. A Bandeirantes é notícia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1981. Caderno B, p.8.

BOECHAT, Ricardo. Agora é Tarde. São Paulo, Rede Bandeirantes, 28 set.2011. Entrevista a Danilo Gentili.

CASOY, Boris. **O carisma do âncora** In: Rezende, Sidney e Kaplan, Sheila (orgs.). **Jornalismo eletrônico ao vivo**. Petrópolis, Vozes. P. 33-41.

CASTRO, Daniel. À Band, âncora diz que pode fazer o 'SBT Brasil'. Folha de São Paulo. São Paulo, 14 fev 2006. Ilustrada, p. E6.

FECHINE, Yvana. **A nova retórica dos telejornais**: uma discussão sobre o éthos dos apresentadores. Trabalho apresentado ao GT Estudos de Jornalismo do XVII Encontro da Compós. São Paulo, 2008.

GOMES, T. Pinto. **Paulo Henrique e as dificuldades do jornalismo nas redes**. In: *Imprensa.*: Ano XII, nº 137: p. 44-5. São Paulo, fevereiro de 1999.

KLINKE, Angela. Ele irrita a Globo. **Isto é**, São Paulo, 4 nov. 1998. p. 38.

MEMÓRIA GLOBO. **Walter Clark**. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/walter-clark/trajetoria.htm>. Acesso em 30 Jan. 2014.

NEUMANNE, J. Pinto. Telejornalismo da Bandeirantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1981. Caderno B, p.8.

Outras redes também mexem nos programas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 jun. 1990.

PORTAL DOS JORNALISTAS. **Fernando Mitre**. Disponível em <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=2460>>. Acesso em 30 jan. 2014.



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

REZENDE, Guilherme Jorge de. **60 anos de jornalismo na Tv brasileira: percalços e conquistas** In Iluska Coutinho, Flávio Porcello e Alfredo Vizeu (orgs.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil, um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTANA, José Carlos. Estilo de Amarin interfere na notícia. **O estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 mar. 1997.

SANTOS, Wilson R. Aperfeiçoar e consolidar. Objetivo de Mitre. **O estado de S. Paulo**, 19 fev. 1989. Caderno 2,

SOUZA, Ana C. A notícia quer virar notícia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 fev. 1997.

SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

STYCER, Daniel. Marília Gabriela produz novo telejornal diário. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 mar. 1992.

VIEIRA, Geraldinho. **Complexo de Clarck Kent: são os super-homens os jornalistas?** São Paulo: Summus, 1991.